

PROPOSTA DIDÁTICA DE ENSINO DAS CONJUNÇÕES COORDENATIVAS NO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Daniilo Lucena Chagas ¹

INTRODUÇÃO

Este trabalho baseia-se num plano de aula, elaborado durante a disciplina de Estágio Supervisionado Obrigatório do curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco- UFRPE, solicitado como avaliação na disciplina e aplicado durante a regência no ensino de língua portuguesa no 9º ano do ensino fundamental.

A proposta tem como objetivo levar os/as discentes a uma reflexão gramatical do elemento estudado por meio do gênero “canção”, adotado pelo Professor da disciplina, através de uma análise linguística dos sentidos produzidos por esse elemento e seus diferentes grupos nas ligações realizadas pelos mesmos nas orações presentes nos versos das estrofes. Sendo de grande importância no processo de letramento escolar, pois influencia na escrita e na oralidade dos discentes, a análise linguística deve, obrigatoriamente, estar presente no ensino de língua portuguesa, principalmente na abordagem de elementos gramaticais que tangem à gramática tradicional- GT.

Segundo Oliveira (2019), o estudo desses elementos não deve ser “arbitrário”, tendo em vista o trabalho ser com uma “sistematização” ou “formalização” da língua através de uma unidade linguística que são as “conjunções”, sendo assim, observa-se a necessidade de um estudo reflexivo da mesma, o que implica numa averiguação dos resultados da sua presença na semântica e funcionalidade do texto.

No ensino das conjunções, é essencial integrar os aspectos semânticos e pragmáticos a fim de possibilitar uma compreensão mais profunda e contextualizada de seu uso, situação que não é contemplada nas gramáticas normativas da língua portuguesa que são utilizadas como base para as aulas de português e para a elaboração dos livros didáticos do componente curricular. Essa classe gramatical, conforme a abordagem prescritiva, é vista principalmente como a classe de palavras que ligam orações ou termos com funções sintáticas semelhantes, conforme assinala Vargas Júnior (2004) em sua pesquisa.

¹ Graduado em Letras (Português e Espanhol) pela Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, daniilolucena138@gmail.com;



METODOLOGIA

Durante a aplicação em sala de aula, utilizou-se as seguintes estratégias metodológicas: conceituação do elemento gramatical estudado (as conjunções) e apresentação dos seus diferentes grupos, exposição sonora e escrita das canções selecionadas pelo docente, entre elas estão: “João e Maria” de Chico Buarque e “Estúpido cupido” de Celly Campelo, proposição de questões de compreensão e interpretação textual referente as canções expostas, exposição da biografia dos autores/cantores(as) das obras, incluindo imagens dos mesmos, identificação, pelos discentes, dos grupos do elemento gramatical estudado e análises dos sentidos produzidos pelos mesmos através das ligações realizadas nos versos das letras escolhidas.

Para o conjunto de estratégias supracitadas foram solicitados os seguintes recursos na instituição de ensino básico: computador, cópias das letras das canções, som portátil, datashow, pilotos, lousa branca e apagador. Essas ferramentas serviram de grande apoio no auxílio dos docentes durante a aplicação da proposta didática, tendo em vista o trabalho ser realizado com um gênero textual e um elemento gramatical dividido em grupos diferentes, além da utilização de elementos lúdicos como: imagens dos autores das canções, de elementos presentes nos versos das mesmas, etc...

REFERENCIAL TEÓRICO

No âmbito da normatividade gramatical, há divergências entre as definições apresentadas por cada gramático, como é o caso das distinções entre os conceitos explicitados por autores como Almeida (1979) e Macambira (1982).

Para o primeiro teórico, não está entre as funções das conjunções o relacionamento de palavras, apenas a conexão de orações. A definição estabelecida por Almeida (1979) dá-se através da oposição da classe de palavras em questão com outra, com a qual pode ser confundida: as preposições - as quais, segundo ele, são as que têm a função de ligar termos não oracionais (palavras). Em seus próprios termos, “Conjunção: É toda palavra que serve para ligar, não palavras, como a preposição, mas orações. Ex.: Fomos cedo e voltamos tarde. Desejo que venhas” (Almeida, 1979, p. 81)”. Já Macambira (1982), o qual tenta realizar uma análise com critérios mais definidos, as conjunções podem ser



analisadas sob três critérios: mórfico, sintático e semântico. Apesar da tentativa, o gramático não tem êxito no empreendimento dessa análise pormenorizada e acaba por misturar, não raro, as conjunções coordenativas às subordinativas, outras classes de palavras às preposições, além de acrescentar estruturas de outras línguas, com o intuito de realizar um estudo de viés comparatista.

Diante disso, é possível perceber que as definições trazidas pelas gramáticas prescritivas tendem à limitação da compreensão do papel das conjunções ao plano sintático, desconsiderando suas implicações semânticas e pragmáticas, como assinalam estudiosos como Ducrot (1984), Koch (1998) e Vargas Júnior (1972).

Os estudos de Almeida (1972), por exemplo, que definem as conjunções de forma restrita - apenas como conectores de orações, geram confusões, especialmente quando alguns dos exemplos apresentados demonstram que as conjunções também podem conectar termos não oracionais de mesma função sintática. Essa definição excludente pode obscurecer a compreensão do papel argumentativo que as conjunções desempenham na construção do sentido do enunciado. A limitação de Almeida (1972) em não considerar as conjunções como operadoras de significados mais amplos, que envolvem o contexto argumentativo, perde a oportunidade de mostrar como essas palavras orientam a interpretação do discurso, consoante aos apontamentos de Vargas Júnior (2004).

A seu turno, outros teóricos, como Koch (1998) e Ducrot (1984), apontam para uma concepção mais ampla das conjunções, a qual vai além do aspecto sintático. Esses linguistas defendem a ideia de que as conjunções são operadores argumentativos, sendo responsáveis por moldar a força de argumentos no discurso. Para Ducrot (1984), a conjunção "mas" é um *operador essencial*, pois altera a relação entre as proposições que conecta, introduzindo uma oposição argumentativa. Em um exemplo como "Maria não sabe ler muito bem, mas entenderá as regras da eleição", a conjunção "mas" não apenas conecta as orações, mas também redefine a relação entre as ideias, direcionando a interpretação do enunciado e modificando a conclusão que se pode tirar dele. A análise pragmática dessas conjunções revela sua função essencial de persuadir, estabelecer contrastes e reorganizar o raciocínio, intencionalidades que não são captadas adequadamente pela gramática normativa.

Para Vargas Júnior (2004), a gramática normativa deixa muito a desejar na exposição e ensino das funcionalidades das conjunções, dando destaque apenas à



nomenclatura gramatical, com sua metalinguagem, e escanteando o papel argumentativo que elas possuem.

Dessa feita, um ensino reflexivo das conjunções deve ir além da explicação de suas funções sintáticas e englobar a análise de seu valor semântico e argumentativo. Essas palavras, retomando as considerações de Ducrot (1984) e de Koch (1998), quando vistas sob o prisma da pragmática, mostram-se como uma ferramenta poderosa para a construção do significado no discurso, funcionando como operadores que direcionam e interferem nas conclusões às quais o interlocutor pode chegar.

Tal noção implica em uma reinterpretação das conjunções, não mais como sendo *apenas* elementos de ligação, mas como componentes centrais da argumentação e da persuasão no uso dos recursos linguísticos e de suas estratégias. Assim, a integração da semântica e da pragmática no ensino das conjunções contribui para uma abordagem mais rica e contextualizada, refletindo a complexidade e a dinamicidade da comunicação humana.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Observou-se com a prática de regência deste trabalho as seguintes reações dos discentes da turma em que foi realizado: quebra do paradigma construído durante o ensino de Língua Portuguesa que é a visão da gramática como “um conjunto de regras arbitrárias que devem ser meramente decoradas e reproduzidas em avaliações”, reflexão das conjunções como um elemento gramatical que está próximo aos mesmos (discentes), tendo em vista ser um elemento fundamental na produção de sentidos do gênero “canção” que faz parte das suas realidades cotidianas e a promoção de um olhar diferenciado para a análise de uma canção através das questões de compreensão e interpretação textual e conhecimento das biografias dos autores expostas pelo Professor.

Os resultados obtidos foram satisfatórios, pois permeiam sobre a habilidade (EF09LP08) da BNCC que prevê “Identificar, em textos lidos e em produções próprias, a relação que conjunções (e locuções conjuntivas) coordenativas e subordinativas estabelecem entre as orações que conectam.” Com isso, vemos o aspecto interacional entre a pragmática e as ligações, tendo em vista os sentidos produzidos e a importância do elemento gramatical estudado nas construções sintáticas além de sua presença imprescindível em gêneros textuais.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que há uma grande necessidade de mudança do ensino da gramática nas aulas de língua portuguesa, nos anos finais do público fundamental, tendo em vista a grande cobrança nas avaliações posteriores ao fundamental, que geralmente são as provas de escolas técnicas integrais e IF(s), como também as posteriores de nível médio como o ENEM, Redações, concursos públicos, etc...

Além disso, a proposta torna-se extremamente importante, pois aproxima a gramática das realidades dos alunos (as), fazendo-os mergulhar tanto sobre o aspecto sintático quanto semântico com relação ao gênero “música” que faz parte dos seus cotidianos, daí a diminuição da chance de surgimento da seguinte pergunta que se faz bem presente em aulas de gramática: “para que usaremos isso em nossas vidas?”

Palavras-chave: Gramática; Conectivos; Reflexão; Sentidos; Análise Linguística.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, N. M. **Gramática metódica da língua portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 1979.

CEREJA, W. R; MAGALHÃES, T. C. **Gramática Reflexiva: Texto, Semântica e Interação**. São Paulo: Atual, 1999.

DUCROT, O. *Dire et ne pas dire: principes de sémantique linguistique*. São Paulo: Cultrix, 1977.

KOCH, I. G. V. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Ática, 1998.

MACAMBIRA, J. R. **A estrutura morfo-sintática do português**. São Paulo: Pioneira, 1982.

OLIVEIRA, Fábio Araújo. O Ensino de Gramática: Reflexões e Propostas. Revista do GELNE. Natal/RN, Vol. 21 - Número 2: p. 112-125. 2019.

VARGAS JÚNIOR, H. A. D. UMA AVALIAÇÃO DAS CONJUNÇÕES NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA DIRECIONADO AO ENSINO MÉDIO. *In: ENCONTRO CELSUL - CÍRCULO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS DO SUL*, 6º., 2004, Florianópolis - Santa Catarina. **Anais [...]**. Florianópolis - Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.



